

Grandes
Momentos
da História

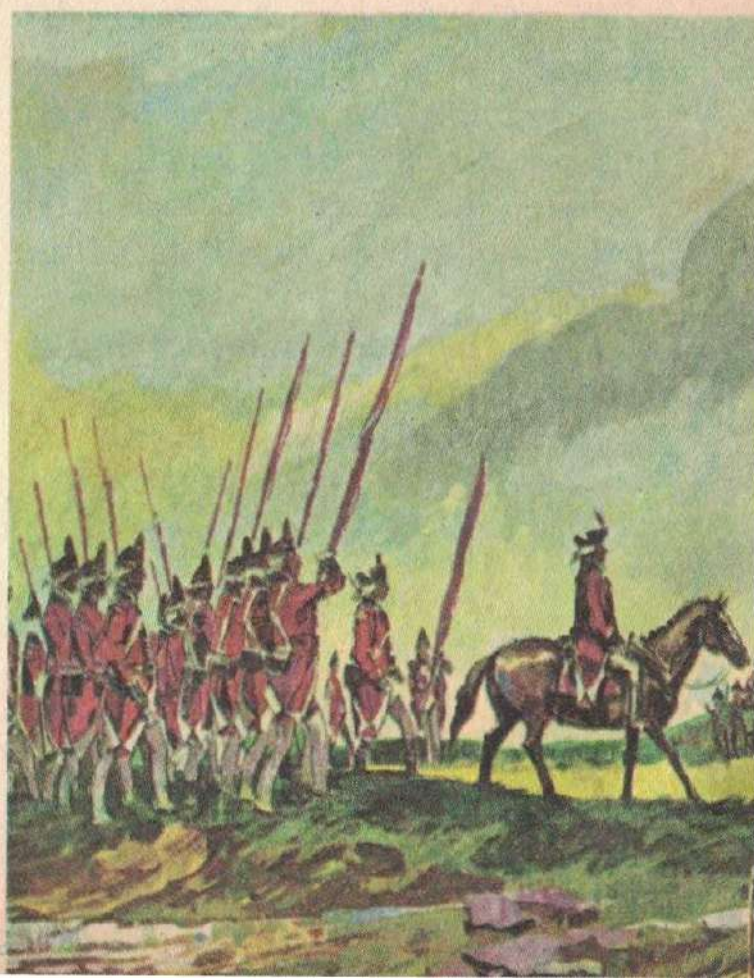
Como foi aquele
dia épico de 1781,
quando os soldados
do mais poderoso
soberano da Terra afinal
depuseram armas

Rendição
em
Yorktown:
“O Mundo
Pelo
Avêso”

THOMAS FLEMING

PARA O JOVEM Ebenezer Denny, tenente do Exército Continental dos Estados Unidos, parecia que o mundo inteiro estava explodindo. Fazia oito dias que mais de 100 grandes canhões despejavam fogo em Yorktown, pôrto de embarque de fumo na Virgínia. Agachados atrás de muros de terra ou o que restara deles nos campos fora da cidade, 7.500 dos melhores soldados ingleses na América resistiam. “Por quanto tempo”, perguntava Denny, “poderiam eles agüentar tal castigo?”

De repente, no alto do parapeito em ruínas, no centro da posição inglesa, apareceu uma figurinha de túnica vermelha batendo um tambor. Momentos depois um oficial inglês agitando um lenço branco começou a caminhar na direção das linhas americanas. O tamboreiro desceu do parapeito e acompanhou o oficial.



Então o ribombar dos canhões e o sacudir da terra foram substituídos por um silêncio sepulcral, quebrado apenas pelo ruído do tambor. “Eu nunca tinha ouvido nada igual”, disse Denny mais tarde. “Foi a mais deliciosa das músicas para todos nós.”

O oficial inglês levava uma mensagem de Charles, Duque de Cornwallis, seu comandante-chefe, ao General George Washington. Dizia a mensagem:

Sir, proponho a cessação das hostilidades por 24 horas, e a designação de dois oficiais de cada lado para uma reunião em casa do Sr. Moore com o objetivo de combinar as condições de rendição dos postos de York e Gloucester.

Tenho a honra de ser, etc.,

Cornwallis

Momento Crítico. Eram as pala-

vas que Washington esperava havia seis longos anos. Ele deve ter-se arrepiado por dentro, mas conservou o clássico sangue-frio. Sua resposta seca falava no “ardente desejo de evitar mais derramamento de sangue” que o inclinava a ouvir as condições de rendição. Mas daria a Cornwallis duas horas, não mais, para expor suas condições.

Washington estava no meio de uma jogada arrojada. Semanas antes ele tinha dividido o seu exército, deixando apenas uma força reduzida montando guarda fora de Nova York, ocupada pelos ingleses, e marchado com a elite de seus 2.500 homens, e seus 4.000 aliados franceses, para Yorktown, numa distância de 650 quilômetros. Em Yorktown ele conseguiu encurralar Cornwallis. Agora, apesar de a mensagem falar em “condições”, o comandante in-



glês em Nova York, Sir Henry Clinton, estava sem dúvida reunindo todos os homens que pudesse para um exército de socorro.

Desde o início a preocupação principal no espírito de Washington fôra saber quanto tempo levaria o cêrco de Yorktown. A esquadra francesa vigiava a embocadura do Rio York, mas ninguém se arriscaria a dizer que ela conseguiria deter uma esquadra inglesa, pois os ingleses tinham uma longa tradição de vitórias navais contra os franceses. Não é de admirar, portanto, que Washington não cessasse de pedir a seus homens que fizessem tudo rapidamente. "Cada dia que perdermos agora equivalerá a um século", disse êle.

Necessidade Premente. A batalha de Yorktown pròpriamente dita fôra iniciada a 9 de outubro de 1781, quando o próprio Washington encostou a mecha na escorva do primeiro canhão a ser disparado. Logo 10.000 disparos por dia passaram a chover sôbre os espantados ingleses, completamente despreparados para o poderio e a fúria do bombardeio. O espírito com que os americanos manejavam seus canhões foi demonstrado ao Marquês de Lafayette, heróico comandante francês da Infantaria Leveira americana, quando o Governador Thomas Nelson, da Virgínia, lhe pediu que disparasse contra uma casa onde se encontravam oficiais ingleses.

—De quem é a casa?—perguntou Lafayette quando os obuses começaram a cair sôbre ela.

—É minha—respondeu Nelson.

No dia 11 de outubro Cornwallis, abalado, escreveu a Clinton: "Em terreno desvantajoso contra ataque tão poderoso não poderemos resistir por muito tempo." O aviso, enviado à noite por uma baleeira que ludibriou a vigilância da esquadra francesa, fêz Clinton correr ao Almirante inglês Thomas Graves para pedir-lhe que aprestasse sua esquadra para o mar.

Nas primeiras horas da noite de 14 de outubro os aliados estavam a postos para atacar dois importantes redutos ingleses. Washington atribuiu um a seus comandados americanos, outro aos franceses. Os americanos estavam sob o comando de Lafayette—escolha perfeita para êsse ataque decisivo. Retornado há pouco da França, êle sabia que a sua nação falida se encaminhava para uma paz em separado com a Inglaterra. Sem ajuda da França, os americanos esgotados pela guerra certamente sucumbiriam. Talvez mais do que qualquer outro ali, Lafayette percebeu a necessidade desesperada de uma vitória em Yorktown.

Derradeira Esperança. Pouco antes de começar o assalto Lafayette se enfureceu por ter o comandante do ataque francês perguntado se êle precisava de ajuda. Após cinco anos lutando ao lado dos americanos, Lafayette se ofendia com a mais leve insinuação contra a bravura de seus homens. Assim, êle respondeu sêcamente: "Somos soldados jovens, e só temos uma tática para essas oca-

siões: descarregar nossos mosquetes e avançar com as nossas baionetas."

Às sete da noite 400 americanos saíram das trincheiras. Após cinco minutos de violenta luta a arma branca, para sua grande satisfação, Lafayette pôde informar ao seu orgulhoso compatriota que os americanos haviam tomado o seu objetivo; e os franceses—estavam precisando de ajuda? Os franceses demoraram um pouco mais, mas êles também tomaram o seu objetivo.

Com novas baterias apontadas para êles dos dois redutos, só restava aos inglêses uma derradeira esperança em Yorktown: uma retirada pelo Rio York na escuridão da noite para um pequeno enclave em poder dêles do outro lado, depois tentarem varar o cêrco de madrugada. Deslocaram-se na noite de 16 de outubro, mas uma repentina tempestade de vento de grande fôrça empurrou a maioria dos barcos à praia. A tentativa de retirada falhara.

Honras de Guerra. Na manhã seguinte cedo Cornwallis, relutante, convocou um conselho. O Capitão George Rochfort, da artilharia inglêsa, informou que a munição estava esgotada. O número de doentes e feridos aumentava de hora a hora. Cornwallis perguntou: "Que devemos fazer, senhores? Lutar até ao último homem?"

Cada um dos oficiais presentes disse a Cornwallis que êle devia fazer uma coisa que nunca tinha feito antes: render-se. Continuar a resistência seria insensatez; as tropas inglê-

sas remanescentes não poderiam agüentar o assalto que certamente seria desfechado nas próximas 24 horas por soldados veteranos, na proporção de dois para um. Cornwallis concordou e, relutantemente, começou a ditar a carta de rendição.

Enquanto as condições eram combinadas, Washington ordenou que a artilharia cessasse fogo. Na manhã de 18 o Sol iluminou um cenário impressionante. De uma extremidade à outra das linhas os parapeitos de ambos os lados estavam apinhados de soldados. Ninguém falava. Cada Exército encarava o outro simplesmente e o campo de batalha revolvido e silencioso como se o estivesse vendo pela primeira vez.

Pelo meio-dia Cornwallis designou dois delegados para se encontrarem com dois ajudantes de Washington e juntos combinarem os "artigos de capitulação". Em Moore House, quinta modesta que ainda existe em Yorktown, os delegados passaram o resto do dia discutindo pormenores que hoje podem parecer ridículos, mas que tinham grande importância para os soldados do século XVIII. Os inglêses queriam sair marchando com "honras de guerra", ou seja, o direito de levarem suas bandeiras desfraldadas. O representante americano, Coronel John Laurens, categoricamente vetou. Um ano antes êle fizera parte do Exército americano que se rendera em Charleston e tivera êsse privilégio negado pelos inglêses.

—Mas o Duque de Cornwallis não

era o comandante em Charleston—disse um delegado inglês.

—Não é de pessoas que se trata—replicou Laurens.—É da nação.

Por volta de meia-noite Washington recebeu as condições finais. Ao pé de cada artigo êle escreveu calmamente a sua aprovação ou rejeição—e mandou o resultado a Cornwallis para que êle assinasse primeiro. Cornwallis tergiversou até às 11 da manhã. Finalmente os papéis foram devolvidos a Washington, que os assinou sem uma palavra. Os franceses fizeram o mesmo, e Washington mandou colocar acima das assinaturas: “Passado nas trincheiras em frente a Yorktown, na Virgínia, a 19 de outubro de 1781.”

Homens Livres. Pelo meio-dia os exércitos começaram a se colocar em linha ao longo de uma estrada perto de suas trincheiras, os franceses de um lado em seu uniforme branco e ouro, os americanos do outro de pardo e azul. Washington estava a cavalo no fim da linha, de frente para o comandante francês, Conde de Rochambeau.

Cêrca de uma hora da tarde os ingleses saíram marchando, com as bandeiras guardadas em suas caixas, as bandas tocando uma marcha lenta. Era uma antiga ária inglesa, que deu origem a muitas canções. Uma se intitulava “Quando o Rei Sorrir de Novo”. Outra, preferida dos americanos, era “O Mundo pelo Avêso”. Soldados do mais poderoso rei da Terra se rendiam a rebeldes maltrapilhos que os haviam desafiado em

nome de uma nova idéia: a liberdade dos homens. Pescoços espichavam-se para ver o famoso Cornwallis a cavalo à frente da coluna inglesa. Mas o oficial em uniforme de gala que ia à frente não era o conde guerreiro: era o subcomandante, General Charles O'Hara.

Depois de O'Hara vinham os regimentos ingleses—cada homem com os olhos pregados nos franceses, como se quisesse apagar a imagem dos colonos de cada lado da estrada. O Marquês de Lafayette deu uma ordem, e a banda americana irrompeu com um rufar de tambores e um alarido de pífanos tocando o “Yankee Doodle”. Como manobradas por um só cordel, tôdas as cabeças ingleses se fixaram contra a vontade nos olhos de seus ex-súditos.

Insistindo na atitude antiamericana, O'Hara tentou render-se a Rochambeau. Mas um ajudante francês cortou-lhe o caminho com seu cavalo e o general francês apontou para o outro lado da estrada. Assim O'Hara também teve de se submeter; e quando êle disse que Cornwallis estava “indisposto”, Washington encaminhou-o ao seu subcomandante, o General Benjamin Lincoln.

O General Lincoln mandou que os ingleses marchassem para um campo aberto, onde, patente a patente e pôsto a pôsto, depuseram armas, muitos em lágrimas. Chegou a vez de 28 capitães ingleses entregarem seus estandartes regimentais. Os americanos haviam designado 28 sargentos para recebê-los. Os capitães in-

glêses recusaram-se a entregar os estandartes a quem não fôsse oficial. Finalmente o Coronel Alexander Hamilton providenciou para que o mais jovem oficial americano, um tenente de 18 anos chamado Wilson, recebesse os estandartes um a um e os passasse aos sargentos.

Terminada a cerimônia, Washington redigiu um relatório dando conta da vitória ao Presidente do Con-

gresso Continental. Ao fazê-lo, parece provável que seus pensamentos tenham regredido aos duros dias de 1776, aos invernos de fome de Valley Forge e de Morristown. Mais tarde houve quem considerasse a vitória de Yorktown o caso mais típico de vitória da sorte. Washington sabia que não. Ela custara o seu preço na moeda mais preciosa de tôdas: o sangue de patriotas e de bravos.



QUANDO fomos apresentados ao estetoscópio no primeiro ano de Medicina, nosso instrutor falou-nos de uma experiência que tivera com outro grupo de alunos.

Depois que êles se familiarizaram bastante com as variações das batidas de um coração normal, foram levados à seção de cirurgia, para aprender a reconhecer as batidas soluçantes, peculiares aos corações com distúrbios funcionais.

A primeira paciente era uma linda loura, que parecia muito menos nervosa por ser examinada pelo bando todo do que os estudantes, que estavam tentando criar nela uma impressão favorável. O primeiro aproximou-se calmamente, colocou-lhe o estetoscópio no peito e passou a escutar atentamente. A sala estava em silêncio. Por um minuto a môça hesitou, depois olhou compreensivamente e, estendendo a mão, colocou-lhe os fones nos ouvidos.

—D. P. H.



DURANTE OS primeiros meses de serviço de nosso filho na frente de batalha, nossa preocupação era seu bem-estar, que êle recebesse muitas cartas e mais o que êle precisasse e não pudesse obter lá. Mas, já para o fim do turno, a ênfase mudou. Sua mãe começou a bombardeá-lo com perguntas: êle tinha respondido às cartas dos parentes e amigos? Comprara presentes para todos os que lhe haviam enviado pacotes, e assim por diante? Êle agüentou tudo serenamente. Então, em sua última carta, relacionou detalhadamente o que fizera para satisfazer as sugestões e lembranças dela. "Agora, mamãe", concluiu êle, "posso voltar para casa?"

—C. J. J.